

Os emigrantes alemtejanos: A chegada do vapor que os conduzia á ponte do Terreiro do Paço (Cliché Benelli).

N.º 263 Lisboa, 6 de Março de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno, 4800—Semestre, 2400—Trimestre, 1600:

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS  
Director artistico: FRANCISCO TEIXEIRA  
Propriedade de: J. J. DA SILVA GRAÇA  
Editor: JOSÉ JOUBERT GRAVES

Redacção, Administração e Officinas de Compo-  
sição e Imprensa RDA DO SÉCULO, 45



# Vestidos bordados

**COM VERDADEIRO BORDADO SUÍSSO**

**Vestidos bordados** em Batiste, Voile, Toile, Shantung, Pongée, Tulle, Chifon, Crépe de Chine, desde **fr. 17,50.**

**Blusas bordadas** em Batiste, Nansouc, Toile, Lã, Cachemire, Japonais, Crépe de Chine, desde **fr. 8,50,** franco de porte no domicilio.

Peçam as amostras e os figurinos

**Schweizer & C.<sup>o</sup>, Lucerne A 22 (Suíssa)**

EXPORTAÇÃO DE BORDADOS E SEDAS

**COMPREM AS Sedas Suíssas**

Peçam as amostras das nossas Sedas Neufveufes de primavera e de verão para vestidos e blusas:

**Foulards, Voile, Crépe de Chine, Chines cachemire, Colonne, Moussoline** 130 cm. de largo desde fr. 1,25 o metro, em preto, branco e cor assim como as blusas e os vestidos bordados em «batiste», lã, toiles e sedas.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas, directamente aos particulares e francas de porte a domicilio.

**Schweizer & C.<sup>o</sup>**

**Lucerne E II (Suíssa)**

EXPORTAÇÃO DE SEDAS

RIO DE JANEIRO

## Hotel Avenida



O maior e mais importante do Brazil, occupando todo o quarteirão. Elevadores e telephones electricos em todos os andares. 220 quartos. Magnificas accommodações, salões para visitas, leitura e banquetes. Diaria de 9\$000 réis para cima. Telephone 2873. Ender. telegr.\* Avenida.

**SOUZA, CABRAL & C.<sup>o</sup>, Avenida Central, 152 a 162**

Ponto de todos os bonds

Anexo: METROPOLE HOTEL, no mais bello e saudavel arrabalde da capital com magnificas accommodações para familias e cavalheiros. Rua das Laranjeiras, 519.

## Eu curo a Quebradura

Sem ulterior uso de funda

Quem for quebrado, ou souber d'alguem que o seja, deve interessar-se pelo meu methodo de cura. O meu uso differe de todos os outros, por isso que não só contém toda a especie de quebraduras de uma fórma continua e segura e com p' rfeita commodidade, mas faz formar-se um novo tecido na abertura da quebradura, unindo a ruptura e produzindo uma cura absolutamente perfeita e permanente. Não zinho outro methodo da este resultad.

Tenho provado varias vezes que posso curar a quebradura, ainda mesmo depois de duas op'rações não terem dado resultado. Os meus doentes curados tem soffrido experiencia e reconhecimento medicos dos mais minuciosos, tendo sido averiguada e certida da cura. Nenhum quebrado é muito novo ou muito velho, para se sujeitar ao meu methodo. Nenhuma quebradura é tão mal que se não possa curar.

Entre os milhares de pessoas que se tem curado, contam-se o sr. Polyeyro Garcia Morales, Arenal, 36, sobrelaja, Madrid, dupla quebradura; sr. D. Julia Curia, S. Pedro de la Traversera, Barcelona, de quebradura osseal irreductivel e o sr. Bernabé Pello, Calle Baja, Caye provincia de Zaragoza, que foi curado com a cidade de 39 annos e que diz: «Estou completamente curado e já não uso funda. Dou-lhe os meus agradecimentos pelo grande cuidado que tem p. los seus doentes.»

Escrevam-me, sem perda de tempo, pedindo-me completas informaçoes acerca do meu methodo e enviarei uma amostra gratuita do meu tratamento, franca de porte. Escrevam-me em seguida, antes que a sua quebradura enegre a estar estrangulada e que uma operação seja o unico meio—o não certo—de salvar a vida.

Dr. Wm. S. RICE (S. 903) 89 STONCUTTER STREET LONDRES, E. C., INGLATERRA

## LOCAO DE QUEANT

**CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS**

Unico producto scientifico apresentado na Academia de Medicina de Paris contra o microbio da Calvicie e todas as affecções do couro cabeludo

L. DEQUEANT Pharmaceutico, 38 Rue Clignancourt, Paris

Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem deve ser direto para Loure se julgar conveniente

Em VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL

## Automoveis

Vendem-se ou alugam-se, uma Limosine, uma Landalette e um doublephaeton em magnifico estado e de grande luxo. Trata-se na Casa Simplex, Bicyclettes, Discos e machinas fallantes de J. Castello Branco.

O que ha de melhor em bicyclettes ingliezas desde 23\$000 rs. com todos os pertences, Accessorios baratissimos. Discos com assumptos politicos e ultima novidade. Machinas fallantes das mais modernas desde 6\$000 réis.

Rua do Socorro, 23-B. Rua de Santa



## Contra Asthma

Remedio de Abyssinia Exibard

em Pá. Cigarras. — Alivia immediata.

28, Rue Richelieu, Paris. — Todas Pharmacias.

## A FESTA DOS ESTUDANTES DA ESCOLA POLYTECHNICA

A mascaradas dos estudantes são antigas como as escolas. Os rapazes endiabrados mesmo nos tempos normaes, á chegada do Carnaval redobram de estouvamento. A alegria nunca ficou mal em gente moça e sobretudo quando d'ella faisca espirito como succede sempre n'essas extravagantes festas escolares.

A Escola Medica ligando a velha tradição coimbrã dos cortejos, dos autos, das exhibições exóticas em satyras a lentes e a acontecimentos academicos fez durante alguns annos no paeo da Escola velha as suas exhibições patuscas.

Não se poupava ninguém mas tambem não se feria; havia a ancia de fazer rir e conseguia-se isso com esses cortejos em que figuravam objectos de toda a casta, carros dos mais variados feitios, carregados de estudantes nos mais bizarros trajos. Depois disso foi pouco a pouco substituido pelas peças theatraes, revistas de acontecimentos da es-



1—A chegada da princeza «Viroscas» 2—Um aspecto do cortejo



1—Aspecto geral da feira franca

cola em que alguns rapazes se mostraram exímios músicos e auctores como succedeu com Illydio Amado e Xavier da Silva.

Coube então a vez á Escola Polytechnica de iniciar esse genero de festas. Armando feiras no pateo, barracas das mais ex-

travagantes dos espectaculos celebram os seus alumnos desde ha annos o carnaval. D'esses divertimentos, d'essas brincadeiras sahiu tambem um auctor de comedias, o sr. João Bastos que foi um dos mais espirituosos cultores das festas carnavalescas na Polytechnica



Os artistas do «Polykna Palace»



Uma scena da opera «A Tosca» no theatro lyrico Maria da Fonte

Este anno tambem os estudantes d'esta escola fizeram a celebração do entrada com uma feira onde apparecia de tudo desde os theatros até aos circos, desde as cervearias aos cafés de camareras, onde os espirituosos rapazes se mostravam na maior alegria,





fazendo um intervalo de bom humor e chalaça, na sua vida trabalhosa de estudantes.

Durou tres dias esse espectáculo a que concorreram além de pessoas de familia dos alumnos alguns professores e o publico sempre deseioso de rir e sempre indulgente para-com os alegres rapazes.



1—O apello ao publico para entrar n'uma das barracas 2—O cortejo sahindo do jardim da Escola 3—O grupo dos japonezes 4—No fim da festa  
(Clichés de Benoitel)

# COMO NOS DEVEMOS ALIMENTAR

POR MADAME SELDA POTOCKA

AS DIVERSAS FRUCTAS — O SEU VALOR ALIMENTAR — AS SUAS PROPRIEDADES THERAPEUTICAS — COMO E QUANDO SE DEVE COMER A FRUCTA

A fructa é um alimento precioso. O seu uso devia generalisar-se, não ficando reduzido a um modesto accessorio da sobrezeza. A ideia de que a fructa não alimenta é totalmente erronea. A banana, por exemplo,

cellulose) muito lenta. As bananas não devem porém comprar-se soltas, mas em cacho, ligadas ao caule, de onde apenas se separam para se comerem. Quando arrancadas do cacho deterioram-se rapidamente. Mui-



fornece ao organismo todos os elementos de nutrição que se podem extrahir dos cereaes. É um verdadeiro pão e tem-se mesmo experimentado com exito, em determinados casos de doencas digestivas, substituil-as ao uso dos cereaes, cuja digestão é pela natureza da sua constituição (amido e



tas pessoas consideram a banana uma fructa indigesta. Uma observação attenta lhes mostrará o engano em que estão. Essas perturbações digestivas, quando se dêm, devem attribuir-se unicamente ao habito de comer a fructa depois do jantar. Tendo as bananas um alto poder nutritivo nunca se devem

comer com o estomago replecto de alimento. Duas bananas com uma ou duas bolachas Griffiths constituem um lanche fortificante.

Indigesta é apenas a fructa verde e excessivamente acida. A fructa não madura deve ser, sem hesitação, repellido. As condições em que se exerce o commercio das fructas exige que estas sejam colhidas antes da completa maturação para se poderem conservar por mais longo tempo. Esta fructa, arrancada precozmente da arvore, nunca amadurece. Envelhece. O seu assucar transforma-se então em dióxido de carbone, alcool e acido acetico. A cholera é muitas vezes a resultante da ingestão de fructas n'esse estado. Assim alterada e corrompida na sua constituição, a fructa póde produzir desordens intestinaes e febres. Todo o fructo deve amadurecer na arvore.

A composição chimica da fructa é em média de cerca de 80 a 85 % de agua, 5 a 15 % de assucar, 1 a 5 % de acidos organicos e pequenas quantidades de substancia proteica, cellulose e numerosos saes.

As especies succulentas como a maçã, a laranja, a uva, o pecego, a ameixa e o ananaz dispõem de notaveis propriedades além do seu valor propriamente alimentar. Cada genero distincto de fructa tem o seu efeito especifico sobre o organismo. As laranjas são o melhor depurativo dos biliosos. A maçã, quando comida em jejum, é o melhor remedio conhecido para corrigir o mau halito que sobremem a um jantar copioso. O summo dos morangos e das amaras é delicioso e saudavel. Pelo que respeita á uva, ella contém muito pronunciadamente as mais valiosas substancias nutritivas e é considerada um excellente depurativo do sangue e um antidoto natural da bilis.

Toda a especie de fructa se deve

lavar antes de se comer, e não só a uva e o morango como a propria fructa chamada do ar: o figo, a pera, a maçã, a ameixa, o a'perce, o pecego e a cereja, com a unica excepção dos fructos defendidos por um forte involucro perservador, como a laranja, a tangerina, a banana, etc.

A pelle dos fructos e as pevides devem comer-se. Estes detrictos são uteis á drenagem do intestino.

A fructa deve, por principio, comer-se fresca. Nunca deve ser cosinhada. A mania universal de expór á destruição do fogo todo o alimento é, pelo que respeita á fructa, já cosinhada pelo sol, inadmissivel sem-

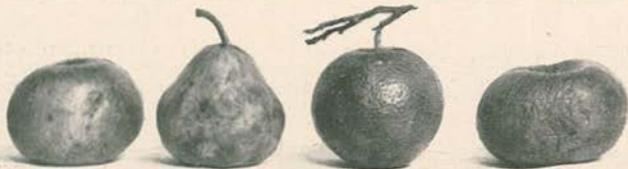


Uma casa de Jantar «modern-style»

pre que se possa comer fructa fresca. Grande parte das preparações industriaes de compotas, jams, marmelladas e geleias deve ser olhada com desconfiança. A natural avidez do lucro e as luctas da concorrência commercial não consentem aos industriaes esse escrupulo na selecção dos fructos que se tornaria indispensavel para garantir a qualidade do producto.

A melhor occasião para comer fructa é pela manhã em jejum. Em todos os casos, a fructa deve, de preferencia, constituir uma refeição isolada.

Eminentemente anti-toxicas e mineralisadoras, as fructas constituem não só um alimento excellentes nas



doenças por intoxicação, na neurasthenia e na tuberculose, como a medicação talvez mais eficaz contra o arthritismo. Os regimens curativos de fructa perderam de ha muito o caracter de simp'les ensaios. A sua efficacia não admite mais duvidas. Estas curas praticam-se de preferencia com uvas e morangos, e a seguir com ameixas e figos, consistindo em comer aproximadamente  $\frac{1}{2}$  kilo d'estes fructos pela manhã e outro tanto uma hora antes do almoço e do jantar, reduzindo de um terço a alimentação usual. Póde mesmo, em certos casos, suprimir-se completamente a alimentação habitual, substituindo-a por 3 a 4 kilos de

fructa, comida em fracções eguaes de 3 em 3 horas. Mas não o aconselho. Acho preferivel uma cura pro'ongada a uma cura intensiva

Se as razões de hygiene alimentar prevalecessem sobre os habitos enraizados por tradições seculares, nunca seria no fim do almoço ou do jantar que se comeria fructa. Esta passaria a occupar o lugar do indigesto *hors-d'œuvre* no almoço e substituiria a sopa ao jantar, preparando o estomago para a boa digestão dos restantes alimentos. Experimentem aquelles que teem o culto no bre da saude.

Selda Potocka.



# O CARNAVAL DOS ESTUDANTES NO PORTO

## O ENTERRO DA FARPA

Os estudantes do Porto também festejaram o Carnaval com um cortejo alegórico a factos da escola e que intitularam o *Enterro da Farpa*. N'essa patúsca desfilada pelas ruas figuravam carros de varias escolas da capital do norte, alguns originalmente adornados com allusivos desenhos e legendas espirituosas.

Uniformes vistosos, bandeiras, os trajes extravagantes dos representantes dos varios sitios arrabaldinos e logarejos das vizinhanças, a fôrma curiosa do cortejo, o alarido, a graça tornaram realmente bem inte-



1—O projecto da bandeira para todos os paladares



2 - O cadaver da defuncta

3—Minerva

4—A Moda

5—A ala dos desesperados





ressante essa festa carnavalesca escolar na qual um dos melhores numeros foi o que elles intitularam a chegada de *D. Miguel*.

Muito entusiasmo, muito riso, muita *verve* endiabrada tal foram as notas dominantes do carnaval dos estudantes portuenses.



1—*D. Miguel* á chegada a S. Bento

2—*D. Miguel* e a sua comitiva

4—O cortejo do pretendente á sahida da estação

(Glicês de Pereira Cardoso)

3—O chefe da casa militar de «*D. Miguel*»



• O ESPOLIO DA COMPANHIA DE JESUS  
A QUINTA DO VALLE DO ROSAL •



1—As ruínas  
da casa da quinta  
e da capela,  
incendiadas pelo  
povo durante  
os dias  
da revolução

2—O sr. ministro  
da justiça  
percorrendo  
a quinta

3—O sr. ministro  
da justiça  
contemplando  
as ruínas  
(Clíches de Benoliet)



# O SR. MINISTRO DA JUSTIÇA NO CONCELHO DE ALMADA

O ministro da justiça visitou a quinta do Rosal que pertenceu aos jesuítas e está hoje incorporada nos bens na-



1—Na travessia do Tejo  
2—O desembarque em Cacilhas  
3—A multidão aguardando o ministro na villa de Cacilhas (Clichés de Benollet)

cionaes. O povo d'Almada fez uma grande manifestação ao sr. dr. Affonso Costa que se demorou a vêr a antiga propriedade da Companhia e que é excellente.



# UM GRANDE PINTOR BRAZILEIRO

Quem estude o Brazil, atravez da sua ethnica anthropologica, observa-

rá a differença que existe entre a mentalidade do habitante do Sul e a do habitante do norte. O brasileiro do sul, terá uma intelligencia mais natural. As suas diversissimas aptidões, humanamente adaptadas aos conhecimentos do dia a dia dar-lhe-hão maior altivez, ao passo

que o norleano é sóbrio em suas concepções e, por isso mesmo, faz obra que perdura. Os maiores pensadores e artistas brasileiros,

são oriundos das terras desmedidas que de Pernambuco vão até Pará. Silvio Romero, José Verissimo, Coelho Netto, Gonçalves Dias e José de Alencar, nasceram norleanos. A zona tórrida do Equador, enervando os membros locomotores, superexcitados por uma alimentação amyliacea, que pouco nutre, irritando o aparelho digestivo, dá, aos naturaes, uma imaginação ardente, viva, sempre propensa a idealisar sobrenaturalismos poetisados, sentimentalizando-os a ponto de cada um d'elles ser artista, pintor, poeta, inventor ou philosopho.

Os climas quentes, teem a soberana propriedade de aquebrantarem o organismo, fazendo ebulir constantemente no cerebro a dynamisação intellectiva. Sob o peso de todo este determinismo mesologico, nasceu um grande pintor paraense: dr. Theodoro Braga.

E' na formosissima capital guajarina, que reside o extraordinario artista brasileiro. Para ser original em tudo, desde a expressão physionomica á praticidade da sua obra, é interessante relatar como o illustre artista se dedicou de alma e coração ao seu sonho:

ser pintor! Theodoro Braga, por imposição paterna, bacharelou-se em sciencias juridicas e sociaes, na faculdade de direito do Recife.

Foi-lhe benefica a influencia que d'ella recebeu. Deu-lhe a consciencia philosophica e sociologica, filtrada pelo grande espirito de Tobias Barreto, o impulsional da faculdade. O ambiente salutar, proporcionou a Theodoro os conhecimentos psicologicos que mais tarde applicaria aos seus trabalhos picturaes. Mas,

com o que elle se não identificava, era com a metaphisica doutinaria da jurisprudencia. Logo que pôde fugiu da aridez enganosa dos cartapacios para o ar livre, unico cantor das leis naturaes. Matriculou-se, então, na Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro. Por concurso, foi premiado com uma viagem de estudo de cinco annos, pela Europa. Viu-a com «olhos de vêr». Sedento de saber, enclausurou-se nos templos onde a piedade esthetica dos eleitos canonisou os mestres. Enamorou-se de todas

as escolas e «maneiras de ser», até se apaixonar por aquella que mais se casava com o seu philosophar. Ante-sonhava vêr na tela a victoria do homem fecundante. Desejaria *crear* a reconstituição do «bem-estar» humano com a magia da sua paleta incolor: fazer obra que ficasse. Obra que não fôsse *moda*. Obra da qual fugisse, intrigado, o pó dos tempos. Assim mereceria a pena ser pintor! E conseguiu a realisação do seu ideal, ligando-se a uma senhora alemã, D. Maria Hirsch, que em Paris estudava com fervor religioso a evolução das artes applicadas, e expunha já no «Sa-



O pintor Theodoro

brazileiro Braga



lon» em guisa de louvores e premios que a alvejavam. Depois veiu para o seu paiz. Entrou de apresentar-se como um dos ma's devotados paladinos da pintura philosophica.

De pulmões cheios do sadio ar

do Pará. Foi encomendado pelo digno intendente de Belem, o senador sr. Antonio Lemos, o mais alto dignitario da provincia do Pará. Está exposto no Palacio da Intendencia Municipal.



Um aspecto da

casa do artista

da Europa, com o cerebro replecto de idéas novas sobre arte, com o coração immerso n'um grande amor por todos os que vivem sonhando e morrem irrealizando, Theodoro Braga, iniciou na sua terra natal a propaganda racional do ensino do desenho. Os misonieistas chascaram da rebeldia pedagogica, incitaram odios, malquerenças, mas o joven professor, confiante no seu proprio esforço, de olhar fito na sua companheira, émula e inspiradora, continuou o trilho encetado com maior estímullo. Escreveu artigos pedagogicos com a picareta do Bom-Senso. Os seus adversarios, impotentes, jogavam as ultimas atravez do muro do conservantismo. Venceu, afinal o professor humanisado por sua educação experimental. Hoje, é acatada a sua opinião com respeito persuasivo.

Ao passo que doutrinaava, dava os últimos toques ao seu monumental quadro: *A fundação da cidade de Nossa Senhora de Belem*

A idéa geradora d'esta obra, que mede 5<sup>m</sup> x 2<sup>m</sup>.50, foi inspirada por estudos que o artista fez sobre a conquista dos portuguezes que desde o Maranhão iam impondo a sua soberania. Apenas chegados á bahia do Guajará, os naturaes da ilha, chamados Tupinambás, receberam-os com grande desconfiança. O pintor

descreve, em um opusculo interessantissimo, a gestação da sua obra prima: «Dez horas do dia. Sobre uma unica paizagem que poderemos chamar panoramica, desenrolam-se separadas por uma *baguette* de madeira, duas scenas do grande facto historico A' direita do espectador vê-se a chegada das tres embarcações (caravela, patacho e lançã) que trazem a expedição civilisadora. Ainda não ancoradas, ellas deixam-se ir ao sabor da corrente, sempre em observações, com lhes fôra recommendado. Em terra, os Tupinambás olhando com odio a chegada dos seus mortaes inimigos; não é com curiosidade nem com admiração o que

elles vêem, pois conhecem bem os portugueses, nas luctas, vindos desde o sul do Brazil e atravez do Rio, Bahia, Pernambuco, Maranhão e, finalmente, do Pará. O Igarapé, onde está o seu posto, é o que mais tarde foi cha-

forte, com a sua frente de cestões entre os quaes peças de artilharia lá estão assentadas, começa a terminar-se; um muro com a sua guarita é construido e o resto avança rapido. Ha o vae-vem dos trabalhadores portugueses e in-



O gabinete

de trabalho

mado o Vêr-o-Peso. Bordam o littoral lamacento d'essa zona quantidades de mangues, aturiás, etc., emquanto que para o interior começam-se a distinguir arvores collossaes das enormes mattas paraenses. Para o igarapé chegam ainda outros índios retardatarios de suas tabas situadas no interior emquanto que á margem do rio elles teem estabelecido aqui e ali as suas atalaias de defezas, pontos de espreita. A' esquerda do espectador é o trabalho dos portugueses senhores e conquistadores, como sempre o foram em todas as emprezas, já em estado de adeantamento. Uma vez escolhido o logar quasi isolado e de boa altura defensavel, deram mãos á obra. A pequenina igreja consagrada a Nossa Senhora de Belem, de taipa, coberta de palhas ainda não ressequidas e já prompta, como promptas já estão algumas palhoças e casebres, habitação de novos colonos. O



digenas. No primeiro plano, sob espessa sombra de grandes arvores, Castello Branco, cercado do seu estado maior, commandantes de embarções, pensa já em preparar a viagem de Pedro Teixeira ao Maranhão, a fim de levar a nova da fundação da cidade de Belem.

Da vegetação que orna a paizagem, notam-se o assahyseiro, a seringueira, a embaúba, sipós que enrolam-se á arvore collossal que representa a magestade grandiosa das nossas florestas tropicaes, palmas, e, á beira de agua, o mururé e o topico annuial da terra belenense. Ao fundo, no horizonte, destaca-se a longa fita arroxeadá da verdejante ilha das Onças. O céu tranquillo e bello ajuda o grande empreendimento da fundação da gloriosa cidade equatorial emquanto que para o lado da embocadura do rio uma nuvem plumbea lembra-nos as fortes bategas da agua bemfazeja e quasi diaria. Sobre o horizonte pe-

sadas nuvens branco azuladas permanecem tranquilas n'essa hora do dia. O rio barrento do Pará deixa quando em vez, por um arpejo da briza, reproduzir a côr cerulea do ceu.»

Theodoro Braga é um litterato que justifica e defende a sua inspirada obra de pintor. Não é, como a maioria dos artistas de pincel e escôpo, que pedem a outrem lhes litteratisem as concepções estheticas. De uma grande inventiva, bastante desenvolvida com methodo e presciencia, fez um mobiliario para uma sala de artista. E' composto de oito peças e executado em madeira do Pará, conhecida sob o nome de *Freijó*.

A côr da madeira, de um tom agradável de amarello escuro, venoso, casa-se perfeitamente ás applicações adoptadas para essa ornamentação. O encosto, o assento e os braços são cobertos de uma pelle de boi, e n'ella executados desenhos por madame Theodoro Braga, representando folhagem de mangueira, a arvore que arborisa as avenidas paraenses, *en*



*cuir repoussé et patiné*, presos por pregos em seu estylo adequado. A parte posterior dos encostos é pyrogravada com o mesmo motivo de decoração, e após, ligeiramente coloridos á agua para não só não empastar, como tambem não tirar o caracter da madeira. Todo este mobiliario, estylo seculo xiv, se desmonta facilmente. Sobre as columnas, dois vasos com flôres, cobertos com um *cache-pot*, em couro traba'hado. Este precioso e original mobiliario fez parte de uma exposição de arte e foi adquirido sr. Senador Antonio Lemos, intendente de Belem.

Theodoro Braga, como bom psicologo não desconhece quanto o ambiente familia! favorece a esthesia. Como Zola, rodeiou-se de todos os confortos indispensaveis, para assim poder realizar os seus sonhos. A sala de refeição, pela sua elegancia, atesta os cuidados d'aquelle casal de entes privilegiados. Andam por ali mãos de fada. Uns pequeninos nadas, que passam despercebidos a profanos, mas que são o encanto e de-

1—Madame Theodoro Braga, a esposa do artista

2—O artista no «atelier»



leite de espiritos refinados. E, assim, por toda a vivenda respira-se um bem-estar de clausura desejada.

A sala de estudo e bibliotheca, é uma deliciosa thebaida, onde os esposos-artistas se concentram e sonham idealisações. Elle, busca inéditos que lhe inspirem poemas em moldurados; ella, folheia um trabalho original do marido: *A planta applicada á ornamentação*. E' valiosissimo este trabalho, onde conseguiu com as plantas nacionaes e conhecidas, tirar motivos diversos para enriquecer toda e qualquer industria com desenhos e fórmulas novas. Torna-se, não só um bello compendio de botânica, como também um excellentissimo repertorio de suggestão esthetica. Nas portas dos fortissimos armarios, estão habilmente collocados uns antigos vidros (funido de garrafa) de janella de uma velha igreja allemã. O moavel que guarda os livros é também original, sendo fabricado sob os cuidados do pintor

O atelier está scientificamente disposto. Na parede do fundo, tres cartões de *vitraux* para as tres janelas da cathedral do Pará, representando, o do centro, o estabulo onde está a Santa Familia, o da direita os Reis Magos, e o da esquerda, a adoração dos pastores. Esses cartões são reduzidos a  $\frac{1}{4}$  do tamanho natural. No primeiro plano, á esquerda, a grande tela com o retrato do ex.<sup>mo</sup> sr. Senador Antonio Lemos; ao lado um desenho esboçado: *Causa Victrix*. E' de uma alta concepção philosophica este futuro quadro, e algo atrevido para ser exposto em meos onde o conservantissimo haja creado raizes. A figura do centro representa a mulher fecundante e fecundada. Da ma-



No «atelier» de madame Braga

triz progeneradora, sae um clarão de luz.

E' chamma. E' sol. E' vida. Tão grande é o seu poder intensivo, que se ajoelham, reverentes as duas forças humanizadas: a força physica e a força intellectual. E' ella a unica causa vencedora. Sem ella a Natureza pareceria como viuva que se não resigna. A' direita do pintor, também esboçada, uma tela enorme estuda uma das mais bellas lendas do grandioso valle Amazonico. A Lenda do Muiraquitã. Para o leitor comprehendere o seu valor significativo, importa descrever a lenda, em seus traços ge-

raes, segundo o dr. Ignacio Moura:

—«Em uma região que não se pôde geographicamente precisar, rodeada de rios que não eram navegaveis, sombreada de arvores gigantescas, que nunca foram atingidas pelos arcabuzes dos navegantes aventureiros, habitava uma nação de mulheres bellas e fortes, de estatura elevada e apparencia franca, cabellos negros e longos, olhos grandes e expressivos, de labios grossos e phrase decisiva que manejavam com a maior destreza o arco e o tacape. Chamavam-nas as *icamialas*.

Deposta a flexa, desarmado o arco, tornavam-se as *icamialas* mysticas Pythonisas, um simulacro de vestaes de Roma, adorando a Lua, que vivia como ellas, sósinha sem marido nos desertos do espaço, errante e nomada, mudando de phase e não de fórma, scismadora e poetica no seu perenne esplendor.

Peregrinas, da mesma fórma, nos desertos da Amazonia, faziam el-

las patr'a do logar  
d'onde melhor pu-  
dessem adorar a

deusa que lhes determinava a regra da vida e que tinha sobre e'las tão grande influencia no regimen da existencia. O templo para as expiações era o lago Jaci-nará (Espelho da lua d'onde traziam as muiraquitans para offerecer aos amantes na epoca propicia. Era esse o tempo prescripto pelo rito religioso, que seguiam, para receber os homens de outras tribus, aos quaes mandavam convites antecipados. Era uma especie de noivado de Sabinas, que sómente se repetia de anno a anno.

Quanta paixão soffocada por aquelle estado obrigatorio de noviciado annual não se traduzia em scenas de loucura, bacchanal tremenda de festas sensuaes, que se prolongava por uns 8 dias! Findo o praso da festa da concupiscencia indigena, os homens eram obrigados a voltar para as suas tabas, sob pena de que a propria amante lhes varasse o peito de lado a lado, como a um inimigo da sua independencia e um

diabolico seductor do seu estado. As que ficavam gravidas tinham o tempo preciso, na feria annual, deter os filhos: se eram meninas, aconchegavam-nas ao peito com amor, como uma futura companheira das lides, queimavam-lhes o mamillar direito para mais dexttras ficarem no jogo do arco; se eram, porém, meninos, olhavam-nos com aversão, como um futuro inimigo da sua raça, matavam-nos, segundo urs, e amamentavam-nos, segundo outros, sómente o tempo preciso para os entregar aos paes, na

primeira vez que com elles se reunissem.»

«Perto das cabeceiras do Nhamundá (affluente do magestoso rio Amazonas), patria d'aquella nação de mulheres guerreiras, existia um lago formosissimo, a que davam o nome de Jaci-nará que quer dizer Espelho da Lua, a cuja divindade era consagrado, como um magnifico templo da propria natureza.

Dizem que em certa epoca do anno, quando a lua cheia se reflectia sobre as aguas tranquillissimas do lago, moradia da mãe da muiraquitans, as amazonas, mulheres sem maridos, vinham prostrar-se so-



bre o prateado areal que marginava o lago e entre supplicas, lagrimas e hymnos, pediam a remissão das culpas, a que se tinham sujeitado pelo grito irrequieto da natureza ou pela dura necessidade de não deixar perecer a tribu pela esterilidade

Após muitos dias de vigílias, uma das crentes confiada da sua regeneração, mergulhava, em horas mortas da noite, no fundo d'aquelle abysmo, onde recebia, das mãos da muiraquitans, a pedra preciosa com a fórma e desenhos que desejava, e reverentemente trazia-a para a praia, onde as suas companheiras, desgrenhadas e bellas, a esperavam, de joelhos, entre hymnos de louvor e votos de graça. Uma após outra repetiam a mesma devoção. As icamiabas entregavam aquelle talisman, na epoca do peccado, aos seus adventicios esposos, para que os preservasse de malefícios.»

(Valtos e descrebimentos do Brazil e da Amazonia.)

Dr. Ignacio Moura.

Esta interessante e erudita tela, depoisde concluida, será enviada ao «Salon.» O atelier da illustre esposa do artista, prende e captiva porque é a idiosincracia da maga artifice Desde o perfume, sobriamente discreto, até á disposição do mais humilde cinzel, tudo se harmonisa e contribue para que os trabalhos da sua especialidade deem fama e renome ás mãos que os executam. No momento em que foi photographada estava insuflando vida ao *cuir repoussé et martelé*. O que mais surprehe o visitante á vida do casa', é a distribuição das horas nos seus labores. Chega-lhes o dia

para tudo! E' a perseverança do methodo. Desconhecem esse phenomeno physiologico chamado: fadiga. E a um artista d'estes — que é um dos maiores espiritos assimiladores e assimilaveis que conhece — pois é escriptor, pintor, bacharel, merceneiro, ethnologo e professor, ainda o governo brasileiro não deu plenos poderes para fundar e dirigir uma escola de ensino profissional!

Pará — Janeiro, 1911.

JOSÉ SIMÕES  
COELHO.



# A ÚLTIMA CREAÇÃO DA MODA FEMININA

A moda deu ha dias um escandalo em Madrid. Duas senhoras que se apresentaram na rua com as modernas pantalonas á zuavo foram apupadas, seguidas durante muito tempo pela multidão que quasi lhes quiz bater. Nunca a moda tinha chegado ao estado de ser necessaria a força publica para a de-



Diversos modelos de salas-calças, criação da casa Béchhoff-David, de Paris, a quem cabe a honra sensacional de haver lançado pela primeira vez, em Agosto de 1910, a audaciosa moda



Habituar-se-hão. E' o que succede sempre com a soberana moda.

fender mas tambem nunca fôra tão ousada. De quando em quando enchia-se de exotismo; era até patusca, tinha idéas tremendas, arranjava cousas bizarras, fazia rir ou fazia pasmar. Por fim habituavamo-nos a achal-a bella. A cima de tudo era a moda. Nunca chegou porém senão agora, a uma transformação radical.

Foi uma temeridade. A moda, porém, é teimosa, é implacavelmente teimosa e sem duvida vencerá; Dentro em pouco os mais acerrimos perseguidores d'essas elegantes de Madrid que primeiro sahiram á rua com as pantalonas, serão os proprios a exclamar:

—No fim de contas não era tão feio como julgavamos!...



# COSTUMES PORTUGUEZES

## O MERCADO SEMANAL DE BARCELLOS

Ahi por maio adiante, quando as rosas começam a desabrochar n'uma bacchanal de cores vivas e ao depois lá para o S Miguel—após as colheitas—são os mercados de mão cheia.

O espirito sedento de emoções agradaveis deve abalar até estas paragens n'uma d'essas suas quadras.

A feira proporcionar-lhe-ha um quadro d'uma *mise-en-scène* grandiosa, surpreendente de motivos picturaes.

Almas enamoradas do Bello, ponho-vos ante a vossa retina meia duzia de bem acabados instantaneos que esse artista *rafiné*, Augusto Soucasaux, a quando da sua estada em solo patrio, fixou, para, no Brazil, rever, nas horas de apoquentadora nostalgia, a belleza, a graça dos multiplos aspectos e costumes da sua linda terra. Leitor amigo, como seria *chic*, ideal, um album minhoto salpicado com trechos de feiras e feiras.

As romarias de S



1—Namoro já melo cidadão—pelo que diz respeito a «elles»



2—A vendedeira de pão de brôa

3—Tecedeira comprando um pente para o tear



nusculo espelho; a de Barcellos, *mignon*, de seios fartos.

Umás brancas como retalhos do luar de janeiro; outras morenas d'olhos buliçosos.

Nesgas de paizagens que se desenrolam em perspectivas encantadoras; estradas zig-zagueantes, de curvas caprichosas e ermidas a acenarem no cumo dos montes.

Rios:—o Minho, o Lima e o Cávado a espreguiçarem-se enlanguecedamente.

Que de seiva maravilhosa se estende desde Melgaço, no alto Minho, até ao Algar-



1—Zé povinho...  
2—O tascó ambulante  
das feiras  
3—Comprando panno  
de linho

ve, manancial, de tradições mouriscas. E a variedade de figuras nossas: o *Zé Povinho* protótipo do *não te rales*, que a vida são dois dias, creado e vulgarizado pelo lapis assombroso de Raphael Bordalo Pinheiro.

O sr. abbade, alma sedenta de esperanças... terrestres: e o *conversado*, arrimado ao varapau, de cravo sanguineo preso na parte superior do pavilhão auricular.

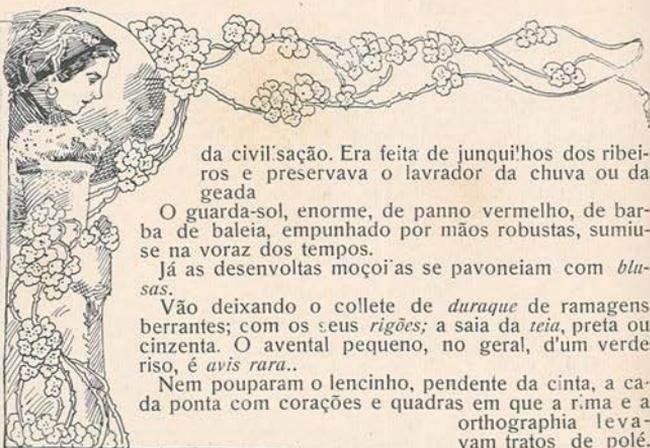
A influencia do meio citadino vae desalojando por muitas aldeias os *costumes*. A facilidade de communicações veiu a integrar a corrupção no trajo hodierno.

A jaleca azul caiu em desuso e hoje raros olhos humanos terão o enlevo de a admirar.

O varapau, a arma com que os enamorados se batiam pela sua *bella*, tende a desaparecer.

Cede, por sua vez, o logar á bengala tosca, grosseirona.

A coroaça, especie de *liberti*, foi exautorada pela corrente avassaladora



da civilisação. Era feita de junqui'hos dos ribeiros e preservava o lavrador da chuva ou da geada

O guarda-sol, enorme, de panno vermelho, de barba de baleia, empunhado por mãos robustas, sumiu-se na voraz dos tempos.

Já as desenvoltas moço'ias se pavoneiam com *blusas*.

Vão deixando o collete de *duraque* de ramagens berrantes; com os seus *rigões*; a saia da *teia*, preta ou cinzenta. O avental pequeno, no geral, d'um verde riso, é *avis rara*..

Nem pouparam o lencinho, pendente da cinta, a cada ponta com corações e quadras em que a rima e a orthographia levavam tratos de polé.

*In illo tempore*, nos dias de arraial, ou de bodas, as moçoilas mais *fidalgas* traziam chinellas de panno forradas a pelica branca, estando sob a meia aberta, d'alvura impecavel.

Como é linda no seu *costume* a mulher portugueza

A graça, genuinamente lusitana, a vida alegre, de romeiros e feirantes, reflecte-se no seu trajo, de côres garridas, luminosas.

Barcellos, novembro, 1910.

DOMINGOS  
FERREIRA



# UM CASAMENTO SENSACIONAL

A doutrina de Monroe teve agora um formidável echo. «A America para os americanos», dizia-se, mas, especialmente, diz-se ao presente em New-York: «As raparigas americanas para os rapazes americanos!» Isto e as campanhas dos jornaes, as cartas violentas, um barulho de conflicto que echoou em toda a imprensa das Americas e da Europa, foi a proposito do casamento de lord Decis com miss Vivian Gould. Elle é filho da grande nobreza ingleza; ella é neta do rei dos caminhos de ferro. Uma excellente nobreza ligada a uma excellente fortuna. Só em presentes recebeu a noiva objectos no valor de cem contos, em flores gastou-se para o seu noivado um conto, o vestido do casamento, cuja cauda tinha cinco metros e era guarnecido de bellas rendas antigas e bordados de prata, custou trinta contos de réis. Por isso os americanos ameaçavam assassinar lord Decies, esse elegante inglez que tem quarenta e cinco annos mas que fica realmente muito bem ao lado da sua gentil noiva que conta apenas dezassete.

Esse consorcio foi o



1—Miss Vivian Gould, a filha do multimilionario Jorge Gould  
2—A noiva do Lord Decies no dia do casamento, com o vestido de noivado, que custou trinta contos de réis — (Clêthes Dellus)

caso do dia em New-York e por toda a parte. O telegrapho transmittiu a noticia, tão impacientemente esperada, de que tudo correria sem novidade, sem o menor attentado contra o noivo.

Tambem em volta da igreja estava um cordão de policias que affastava os curiosos e o mesmo succedia na quinta avenida, em torno do palacio da noiva.

Lady Decies vae passar a sua lua de mel a um romantico castello da Escocia cuja poesia será perturbada pela presença, nos arrabaldes, d'alguns *detectives* que vigiarão se os fanaticos americanos não irão ali... torna-a viuva em nome d'essa variante da doutrina de Monroe:

—As raparigas americanas para os rapazes americanos!



# ESPINHO DESTRUÍDO PELO MAR

Espinho vai sendo dia a dia devastado pelo mar. Primeiro a invasão não chegava às casas, batia as areias, espumava contra as ravinas; um dia derruiu uma igreja, abalou moradias, causou o pânico. A villota pôs-se a recuar; a encarrapitar-se mais, a formar-se lá para os pincaros e o mar, como um tigre que brincasse com a presa antes de a devorar, recuava para avançar depois n'um maior salto aniquilador.

Agora já não ha resistencia; vive-se n'uma passividade esperando a todas as horas as grandes surpresas das



1—Pescador de Espinho 2—Ruínas da fonte publica  
3—As ultimas casas destruidas pelo mar 4—Ruínas do muro que  
que ultimamente se construiu na vã esperança de conter  
o avanço das ondas  
aguas. Por diversas vezes os habitantes de Espinho  
teem sollicitado a defeza da sua villa, os elementos necessarios para



deter essa destruição, tendo-se já estudado os meios de o conseguir e cuja pratica elles mais uma vez reclamam em nome da sua propriedade e das suas vidas ameaçadas pela furia do mar.

# OS QUE A FOME ESCORRAÇA

Homens, mulheres e crianças, alemtejanas que emigram, quasi um milhar, n'um exodo de miserias, passaram na cidade, do Tejo para os casebres onde as alojaram, deixando um rastro de condolencias.

Ao fixar-se essa legião meia somnambula, que passava sem uma palavra, carregada com os saccos onde ia toda a sua fortuna, parecia que vinha d'uma região empestada, foragida a um cataclismo, expulsa por uma guerra do canto das suas villas de sol.

Eram os sem pão, gente da serra de Serpa e dos logares visinhos que n'um instante sentiram faltar-lhes o trabalho, recusado o alimento, trans-



- 1—O engajador esperando os emigrantes na ponte dos vapores
- 2—Os aspectos da emigração; Curiosos em volta dos famintos 3—O predio da rua Affonso d'Albuquerque onde os alojaram

tornadas as suas esperanças de viverem no aconcheço dos seus casinhotos brancos, no inverno á beira das lareiras, no verão deitados sobre as suas mantas junto dos portaes.



trou que muitos portugueses teem sahido d'esse logar, apontado como maravilhoso, não lhes disse do trabalho arduo que teem de fazer



- 1—Na casa da rua Affonso de Albuquerque onde os albergaram : n'uma sala x nua os miseros descansam nos seus farrapos
- 2—Toda a fortuna d'um casal que emigra
- 3—Duas familias de emigrantes
- 4—Um grupo de emigrantes
- 5—O engajador e uma das victimas na ponte dos vapores

Abundavam os braços, as boccas não tinham que comer Chegou o engajador, pintou-lhes um paraizo lá longe, nas ilhas Sandiwch; fallou-lhes de salarios fartos, de casas confortaveis, de futuros risonhos para todos, tingindo com as côres da mentira o fôco da realidade. Não lhes mos-





A bordo do vapor que os conduziu do Barreiro a Lisboa: Novos e velhos, mulheres e crianças com as suas mantas, os seus farracos, os seus trajos característicos veem do Alentejo para a primeira paragem da sua peregrinação



debaixo da soalheira ardente, colhendo a canna do assucar ou arrancando blocos nas pedreiras sob o olhar falso e vigilante dos indios que lisonjeiam os patrões e são os encarregados dos trabalhos. Não lhes disse nada



d'isso; apenas, falou das riquezas, das maravilhas, da viagem excelente n'um barco confortável.

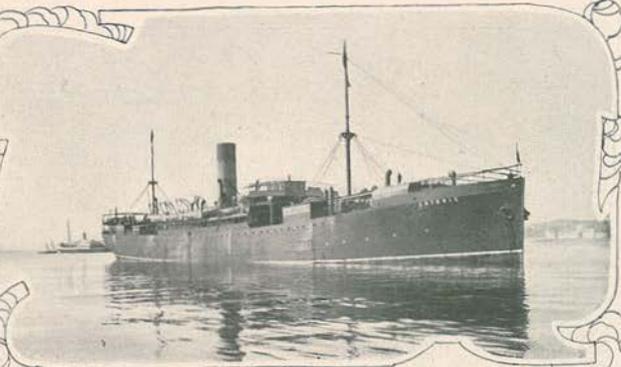
Os emigrantes mal chegaram a Lisboa começaram desde logo a reconhecer a falsidade. O alojamento que lhes deram foi n'um predio d'uma rua escusa, quartos



1—Outro aspecto dos emigrantes a bordo: uma família 2—A descida para a ponte 3—Continua o desembarque 4—Uma paragem do bando na Rua d'Alfandega (Clôches de Benoitel)



Campbell, o engajador d'emigrantes americano



O «Orteric» que conduziu a leva miseravel de emigrantes

sem mobilia, sem um feito ao menos; o paquete que os conduzia era um barco quasi sem condições para o poder fazer. Aquilo era o começo; o resto elles o veriam lá em baixo, na ardencia do sol, fazendo o trabalho na plantação, no vertice das serranias onde os vulcões fumegam.

E era um bando, uma caravana, homens, mulheres, creancinhas em cujos rostos a miseria apontára já as dedadas que n'esse logar onde vão consumir-se naturalmente mais se vincarão. L'sboa viu-os passar, deixando o seu rastro de esteva e urze e o seu fartum de miserias,



Na hora da partida



sido obrigados a deixar. Alguns tiveram ainda a coragem de reagir, de não quererem partir, de preferirem a miséria nas suas aldeias à escravatura na terra alheia; a maioria lá foi n'esse



1—Os que protestam e desistem  
 2—Escravatura branca



3—Os que deixam cedo a patria (Cliches de Benoitel)

viu-os como um rebanho transportado para longe, de cabeças baixas, acoburnhados, melancolicos, com esse olhar onde havia já a precoce saudade de tudo que tinham



barco negro por esse rio azul na doçura do lindo sol de primavera que mais vives tornava a saudade. Partiram. E não voltarão, nunca mais, nunca mais!

# A RECITA DOS ESTUDANTES DA

ESCOLA MEDICA NO

THEATRO DE SCARLOS



1—Sr. Antonio Aurelio auctor do prologo 2—Sr. Duarte Silva auctor da musica

A festa dos estudantes da Escola Medica realisou-se este anno em 20 de feveiro no theatro de S. Carlos com uma revista dos quintanistas Victor Mendes e Duarte Silva,



3—Sr. Victor Mendes auctor da revista 4—Sr. Ruy Pinheiro (Hespanha)

respectivamente auctores da letra e da musica. Chamava-se essa peça *O Neto de Esculapio*, constava da satyra aos acontecimentos escolares, a inofensiva piada aos professores que riram com a char-



5—Sr. Carvalho Junior (Cupido)  
6—Sr. Falcão de Miranda (Chulo)



7—Sr. Carlos Santos (Cocotte) (Glehes de Vasques)



ge. O sr Antonio Aurelio, tambem quintanista de medicina, escreveu e recitou uns versos em que fazia a apresentação dos auctores da revista e que foram muito applaudidos. O produ-

cto d'estas recitas reverte a favor da Caixa de Soccorros a Estudantes Pobres e d'este modo os futuros clinicos mesmo divertindo-se vão praticando o bem.



1—Sr. Alves da Costa (Clown Cello)  
 2—Sr. Cruz e Mello (Esculapio pottiz)  
 3—Sr. Valladas (Brazileira)

4—Sr. Castilho Sousa Pereira (Venus)  
 5—Sr. Oliveira Vinagre (Jupiter)  
 6—Sr. Sá Penella (Marte, Clichés de Vasques)

# A VISITA DO MINISTRO DA GUERRA ÀS DUAS BEIRAS

Depois de visitar a cidade da Guarda o ministro da guerra percorreu os regimentos aquartellados nas duas Beiras sendo alvo de grandes manifestações não só de soldados e officiaes mas tambem do povo. No dia 18 de fevereiro foi a Vizeu assistir á inauguração da estatua do grande liberal o bispo D. Antonio Alves Martins, dando de seguida recepção a todos os officiaes e sargentos de infantaria 14.

Durante essa viagem, que durou uma semana, o sr. Xavier Bar-



reto verificou como n'essas provincias os militares se devotam mais dia a dia ás instituições. Presencecu varios exercicios em todos os quartéis nos quaes se mostrou o aproveitamento dos recrutas d'este anno instruidos com dedicados cuidados pelos seus officiaes, como ultimamente se demonstrou em Mafra com as provas d'alguns dos contingentes da provincia.



1—A casa da camara de Gouveia onde o ministro recebeu as boas vindas. 2—A' sahida de Gouveia, vendo-se ao fundo a serra da Estrella coberta de neve. 3—Em Almeida: O ministro com o general de divisão e officialidade de cavallaria 7 ás portas de Santo Antonio



1—Em Pinhel: O ministro na occasião em que vae visitar o quartel do 3.º batalhão de infantaria 12  
2—Em Almeida: O jantar offerecido ao ministro na sala do tribunal  
(Clichés de A. J. Ayres, Guarda)